



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

TATHIANA GONZAGA DE LACERDA ABREU

**TRADUÇÃO DO CONTO *WHAT IT MEANS WHEN A MAN FALLS  
FROM THE SKY* DE LESLEY NNEKA ARIMAH:**

Entre a tradução comentada e o ensaio

Brasília – Distrito Federal  
2018

TATHIANA GONZAGA DE LACERDA ABREU/ Rede Exiladas (CnPq) Grupo  
Poéticas do Devir (CnPq)

**TRADUÇÃO DO CONTO “WHAT IT MEANS WHEN A MAN FALLS  
FROM THE SKY” DE LESLEY NNEKA ARIMAH:**

Entre a tradução comentada e o ensaio

Relatório final, apresentado a  
Universidade de Brasília, como parte das  
exigências para a obtenção do diploma de  
graduação no curso Letras: Tradução –  
Inglês.

Brasília, 07 de julho de 2018.

## RESUMO

ABREU, Tathiana Gonzaga de Lacerda. **TRADUÇÃO DO CONTO *WHAT IT MEANS WHEN A MAN FALLS FROM THE SKY* DE LESLEY NNEKA ARIMAH:** entre tradução comentada e o gênero ensaio. 2018. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras: Tradução – Inglês. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

Tendo como ponto de partida a tradução do conto “What It Means When a Man Falls From the Sky” integrante da coletânea de contos homônima (2017) da autora nigeriana Lesley Nneka Arimah, aproveitamos para discutir conceitos cultura (WAGNER), ética (BERMAN), subjetividade e poética (MESCHONNIC), e as implicações desses conceitos para nosso projeto de tradução. Empreendemos também a exploração da tradução comentada enquanto gênero em construção (ZAVAGLIA) que melhor abarca as reflexões, estranhamentos e deslocamentos provocados pela atividade tradutória. Bem como buscamos, amparados por Adorno (2003), explorar o gênero da escrita ensaística, que nos traz, na prática, uma forma crítica e aberta de escrita consoante com nossos objetivos. Entendemos aqui que através de tal atividade somos capazes de aprofundar a leitura a partir do ponto de vista singular do tradutor/autor que contribui para uma crítica, reflexão e escrita do exílio. Por fim, considerando todas as problemáticas sociais e hierárquicas da concepção tradicional e hermética de “cultura”, nosso trabalho busca apresentar a atividade tradutória como escrita da relação, nem sempre pacífica, sempre em construção.

**Palavras-chave:** Tradução Comentada. Escrita da Relação. Lesley Nneka Arimah. Ensaio. Tradução Assumida.

## ABSTRACT

ABREU, Tathiana Gonzaga de Lacerda. **TRANSLATING THE SHORT-STORY *WHAT IT MEANS WHEN A MAN FALLS FROM THE SKY* BY LESLEY NNEKA ARIMAH: between commented translation and essay.** 2018. 35 pgs. Undergraduate Thesis in Translation Studies – English-Portuguese. University of Brasília. Brasília, Brazil, 2018.

Having, as a starting point, the translation of the short-story *What It Means When a Man Falls from the Sky*, part of a short-story collection of the same name written by Nigerian author Lesley Nneka Arimah on 2017, we seek to discuss the concepts of culture (WAGNER), ethics (BERMAN), subjectivity and poetics (MESCHONNIC), as well as the implication of these concepts to our translation project. We also mean to explore the commented translation as a genre in construction (ZAVAGLIA) that would encompass the thoughts, strangeness and displacements caused by the translating activity. It is also sought, with the support of Adorno (2003), to explore essay writing as a genre that would contribute, in practice, to a more open and critic way of writing, in accordance with our goals. It is also understood that through such an activity we should be able to deepen the reading process from the singular standpoint of the translator/author, thus contributing to an exile critic, thought, and writing. Lastly, considering all the social issues and hierarchies inherent to the traditional and hermetic concept of “culture”, our work seeks to present the translation activity as a writing of relation, which is not always pacific, but is always being construction.

**Keywords:** Commented Translation. Writing of Relation. Lesley Nneka Arimah. Essay. Admitted Translation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
	<b>PREFÁCIO 1: A TRADUÇÃO COMENTADA E O COMBATE À INVISIBILIDADE DO TRADUTOR.....</b>	<b>10</b>
	<b>PREFÁCIO 2: O GÊNERO TEXTUAL ENSAIO COMO FORMA LIBERTADORA DE PENSAR A RELAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>19</b>
2.1	LESLEY NNEKA ARIMAH E O CONTO <i>WHAT I MEANS WHEN A MAN FALLS FROM THE SKY</i> : A ESCOLHA DO OBJETO DE TRADUÇÃO.....	19
2.2	A TOMADA DE POSIÇÃO VISANDO A TRADUÇÃO PO-ÉTICA.....	22
2.3	VOZES DE UMA MESMA PERSONAGEM: DISCURSO DIRETO E FLUXOS DE CONSCIÊNCIA.....	25
2.4	FIGURAS DE LINGUAGEM E O PROCESSO TRADUTÓRIO.....	29
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
	<b>APÊNDICE A: Caderno de Tradução.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo como ponto de partida a tradução do conto “What It Means When a Man Falls From the Sky” integrante da coletânea de contos homônima (2017) da autora nigeriana Lesley Nneka Arimah, o presente trabalho busca discutir conceitos permeadores da atividade tradutória, focando-se na relação construída com a alteridade por meio da tradução, e na tomada de posição por parte do tradutor diante dessa relação. Norteados pelo conceito bermaniano de tradução ética e pelos apontamentos de Meschonnic em *Poética do Traduzir* (2010) buscamos percorrer um caminho onde a prática tradutória leve a reflexões profícuas sobre a concepção de “cultura”, amparados por Roy Wagner (2017), e sobre o papel do autor/tradutor na manutenção das hierarquias e invenções culturais ou em subverter tais paradigmas por meio de uma tradução po-ética.

O trabalho estará estruturado de forma coerente com os objetivos aqui delineados, optando por incorporar elementos ensaísticos que permitam reflexões críticas sobre o fazer tradutório, bem como trabalhando com exemplos e comentários de tradução no corpo do texto, buscando “fazer ver” o sujeito tradutor e as questões que permearam a tradução do conto.

Primeiramente, serão apresentados dois prefácios, discorrendo e argumentando sobre as escolhas particulares em trabalhar de forma ensaística e com a tradução comentada, e a contribuição dessas escolhas para o presente trabalho. Depois, apresentamos o objeto de tradução e sua autora, relacionando as escolhas dentro do contexto no qual a tradutora está inserida. Subsequentemente, entramos no embasamento teórico da prática tradutória, guiados principalmente por Berman e Meschonnic na tentativa de uma tradução assumida, poética e ética. Entramos então nos exemplos tradutórios, explorados aqui por meio de duas questões interpelantes no processo tradutório: a diferenciação da voz narrativa e de discurso direto da personagem principal do conto e as figuras de linguagem utilizadas como estratégia poética de narração. Por último, nas considerações finais, optaremos por um formato pós-fácio, encerrando (por hora) as reflexões aqui suscitadas, e fazendo os enquadramentos finais considerados necessários para o presente exercício de pensamento.

## **PREFÁCIO 1:**

### **A TRADUÇÃO COMENTADA E O COMBATE À INVISIBILIDADE DA TRADUÇÃO**

Partindo de uma concepção de tradução que busca assumir os discursos construídos bem como a autoria e visibilidade da tradutora, nos propomos a apresentar um projeto de tradução que intenciona tomar consciência das relações estabelecidas no processo tradutório. Para tanto, reconhecemos que a tradução consiste em escolhas subjetivas, tomadas a partir do contato – e dos deslocamentos provocados por esse contato – recaíndo em um universo tanto particular quanto contextual (sem linha definida que delimite o espaço entre os dois) de quem propõe uma tradução específica, bem como da relação entre sujeito e objeto de tradução. A partir dessa visada, a opção da tradução comentada nos pareceu um bom método de proporcionar o acesso crítico/reflexivo a um projeto de escrita da relação, proporcionado pelo lugar da tradução. Essa decisão se deu pelo fato de a tradução comentada ter, inerente a si, essa característica de admissão do “jogo de escrita(s), com regras jamais estabelecidas, sempre a negociar (...)” (SARDIN, 2007.<sup>1</sup>) onde o comentário assume, ou mesmo denuncia, que as escolhas tradutórias são motivadas, ideológicas, políticas, históricas, poéticas, contextuais, e estão em constante construção.

Apesar de ser perfeitamente possível, partindo de uma análise que assuma o projeto de tradução, considerarmos a própria tradução como expressão ou comentário de si (ZAVAGLIA, 2015), percebemos no recurso dos comentários de tradução uma ferramenta de reflexão crítica sobre o traduzir, que, ao mesmo tempo que coloca em discussão essa atividade, enfatiza sua característica relacional, poética e interdiscursiva (MESCHONNIC, 2010). Nesse sentido, o objetivo dos comentários não é encerrar discussões, esclarecer dualidades (principalmente se tais recursos poéticos foram utilizados no original) ou fornecer interpretações fechadas, mas sim suscitar reflexões sobre a posição do tradutor em relação ao texto, sobre problemáticas específicas provenientes da natureza do texto, bem como descentramentos e questionamentos sobre as ideias de identidade e cultura (WAGNER, 2010) exploradas do ponto de partida do autora-leitora-tradutora.

---

<sup>1</sup> Tradução Nossa.

No que concerne o enquadramento do termo “tradução comentada”, consideramos aqui essa modalidade como um gênero “em construção”, tal como descreve Zavaglia (2015), ou mesmo um gênero acadêmico-literário (TORRES, 2011) de forma mais específica. Acadêmico-literário pois trabalha, em grande parte no âmbito da academia, com a união teórico-prática motivada pela crítica e história da tradução. Apesar de Berman, em *A prova do estrangeiro* (1984) considerar a função do comentário como interpretativa, no sentido de apresentar uma leitura específica do texto e esclarecer sentido, o nosso projeto tradutório buscar afastar-se de construções estáticas de sentido, mesmo reconhecendo os comentários de tradução por sua função didática e reflexiva e que, inevitavelmente, visa leitores (leitores que, devido ao aspecto aprofundador e reflexivo dos comentários de tradução, podem encontrar-se no âmbito acadêmico, como é o caso aqui). Nesse sentido, o comentário de tradução não exerce função exegética (SARDIN, 2007), ou seja, não busca explicar a obra literária traduzida, mas sim refletir criticamente sobre o processo tradutório daquela obra, conforme será feito aqui com “What It Means When a Man Falls From the Sky”.

Em nossa visão, amparada por Torres (2011), tal proposta só se torna pertinente devido ao fato de que comentário e tradução possuem uma relação de proximidade e até mesmo de intercambialidade. Querendo dizer que: ambos são críticos e subjetivos, prevêm uma historicidade e são fruto de análise ancorada em prática, ou sendo, a própria análise, a prática. No entanto, o comentário feito por meio da prática de tradução e não desvelado por análise posterior, goza da vantagem poética de ser capaz de carregar as polissemias encontradas no “original” (TORRES, 2011). Por esse motivo, os exemplos de tradução (quando não a própria tradução na íntegra) se fazem tão necessários, explicitando o movimento inerente à prática mais do que é possível nos comentários críticos. Tendo em vista essa complementariedade e não-estaticidade nos locais de tradução e comentário, apresentaremos aqui o comentário como “metatexto” da tradução, já que não representa “uma ruptura do texto ou dentro do texto, mas sim uma leitura em paralelo, uma leitura hipertextual” (TORRES, 2011, p. 17), e uma discussão sobre o mesmo, podendo ser localizado dentro da tradução. Essa característica meta- ou

hiper- textual se beneficia do caráter ensaístico do trabalho aqui apresentado, onde as linhas divisórias são propositalmente flexibilizadas para mimetizar a relação tradução-comentário.

Também segundo Torres, a tradução comentada enquanto gênero acadêmico-literário se define por um conjunto de características específicas que possibilitam reconhecê-lo, sendo alguma delas:

“O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário;

O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto);

O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões;

O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução;

O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução.” (TORRES, 2011, p.18).

Com base nas características supracitadas, gostaríamos de destacar aqui o caráter discursivo-crítico e histórico-crítico, nos quais nossa análise se focará. Segundo Meschonnic (2010), a escrita é oral e constrói discursos, e a tradução é uma forma de escrita autoral. Portanto, deixamos para trás aqui ideias de equivalência e imparcialidade no momento do traduzir e voltamos nosso olhar para o campo discursivo e, portanto, poético/rítmico já que, também segundo o autor, o discurso é construído mais por meio do ritmo do que de alguma mensagem a ser interpretada ou comunicada. Deixamos para trás também a metáfora tradutor-ponte (que transporta sentido de uma cultura – hermética - a outra) pois acreditamos que a subjetividade está impressa no discurso da tradução, sendo impossível, portanto, afirmar que aquilo apresentado é a mensagem intencionada no original. O que é possível é: nos orientarmos pela poética e pelo ritmo, buscando uma tradução que tenha literalidade, no sentido preconizado por Berman (2007), deixando a língua

estrangeira falar no português e causando estranhamentos que revelem a tradução como tal, a tradução que se assume ao invés de se apagar em uma fluidez fabricada. Nesse sentido, buscamos nos orientar pelas coordenadas espaciais, temporais e actanciais preconizadas por Meschonnic (2010), considerando os discursos tanto da tradutora quanto da autora original do conto, a serem trabalhados como construção marcada historicamente e com lugar e feitor específico.

Com isso, delineamos aqui a ideia de tradução proposta, procurando também definir o escopo a ser analisado pelos comentários de tradução já que, segundo Torres:

“O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas.” (TORRES, 2011, p.19).

Tais escolhas, a partir de nossa fortuna crítica e embasamento teórico apontam para a personificação do autor e de sua realidade (espacial, histórica, actancial), buscando iluminar esse “escritor da sombra” (SELLIGMAN-SILVA, 2011). Faremos isso considerando também nos comentários a especificidade poética e discursiva do texto original e da escrita de Lesley Nneka Arimah, contemplando essa interdiscursividade que ocorre no momento da tradução entre autora/tradutora, que nos traz campo fértil para analisar questões de abertura e troca, violências linguísticas e sintomas de colonizações, invenções de cultura e identidade (WAGNER, 2017), construção de vozes e personagens, entre outros.

Nesse sentido, as características a serem exploradas foram selecionadas por suscitarem questionamentos sobre questões poéticas, contextuais e temporais de seus sujeitos e produzirem tensões e pontos de reflexão produtivos. Buscamos, então utilizar do comentário tanto para mostrar quanto para reafirmar o projeto de tradução e a presença da tradutora no texto, que se torna indispensável para a linha teórica aqui seguida. Intencionamos com a ferramenta dos comentários analisar a tradução como a expressão de um discurso específico, discurso esse sempre em diálogo, disputa, mudança e construção, mas que não se esconde por trás de equivalências e noções de culturas e línguas prontas e fechadas, reconhecendo a atividade tradutória como só existindo em virtude da relação e da dinamicidade.

## **PREFÁCIO 2:**

### **CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ENSAÍSTICO PARA PENSAR A ATIVIDADE TRADUTÓRIA TEÓRICO-PRÁTICA E CRIATIVO-POÉTICA**

Em *O Ensaio Como forma*, Theodor W. Adorno discorre sobre a importância da escrita ensaística, apesar de sua rejeição como forma que escapa ao método científico e que, portanto, teria pouco valor acadêmico. O argumento positivista contra o ensaio seria, segundo Adorno, que:

“Na prática positivista, o conteúdo, uma vez fincado conforme o modelo da sentença protocolar, deveria ser indiferente à sua forma de exposição, que por sua vez seria convencional e alheia às exigências do assunto. Para o instinto do purismo científico, qualquer impulso expressivo presente na exposição ameaça uma objetividade que supostamente afloraria após a eliminação do sujeito, colocando também em risco a própria integridade do objeto, que seria tanto mais sólida quanto menos contasse com o apoio da forma, ainda que esta tenha como norma justamente apresentar o objeto de modo puro e sem adendos.” (ADORNO, p.18-19, 2003)

Esse argumento parte de uma premissa que entra em contradição com a abordagem aqui escolhida, já que buscamos abordar a subjetividade da tradutora e sua inserção histórica, e não apenas encarar a tradução como objeto científico distante que deve ser analisado de forma objetiva. No entanto, dizer que essa abordagem admissivelmente criativa perde seu valor enquanto investigação acadêmica seria incorrer no erro de cercear os domínios do conhecimento e impedir o exercício de práticas que explorem aspectos críticos e reflexivos de uma determinada área. Operaria aqui o mesmo cerceamento que exilou o ensaio dentre as práticas discursivas acadêmicas, causando assim um direcionamento do pensamento menos preocupado com a crítica e com o desenvolvimento do pensamento reflexivo e mais orientado por análises homogêneas que chegam a conclusões parecidas por caminhos prescritos.

Nesse sentido, buscaremos desenvolver o presente trabalho de conclusão de curso por um viés ensaístico, já que foi identificada uma afinidade tanto estética (e

de forma) quanto argumentativa, que sustenta essa escolha dentro da proposta de refletir sobre a tradução nos termos a serem colocados. Faz-se necessária aqui a exposição da relação forma-conteúdo objetivada nesse trabalho já que, indo de encontro ao que o cientificismo puro requer de um “trabalho científico”, consideramos a forma de escrita de grande importância para a análise a ser desenvolvida. O que interessa aqui não é tanto atingir respostas que se sustentem historicamente, mas localizar o trabalho no período em que é escrito e deixa-lo aberto para construção de pensamento crítico, novamente espelhando a tradução aqui proposta e analisada, que também não pretende encerrar o movimento tradutório por ela iniciado. A problemática dessa pretensão para um trabalho que o próprio nome já intitula como de *conclusão* de curso, é abordada aqui pelo viés do ensaio, que, em consoância com o traduzir (pelo menos como é visto aqui), se foca menos na definição de conceitos e mais na relação entre eles:

“O ensaio, em contrapartida, incorpora o impulso anti-sistemático em seu próprio modo de proceder, introduzindo sem cerimônias e “imediatamente” os conceitos, tal como eles se apresentam. Estes se tornam mais preciosos por meio das relações que engendram entre si.” (ADORNO, p.28, 2003)

Propício aqui para uma análise que considera a tradução e os comentários de tradução como a construção de uma relação a partir do encontro de línguas, discursos e contextos e tudo que se produz desses encontros.

Outra vantagem da abordagem ensaística para o presente trabalho é a forma de exposição de conceitos que não intenciona “um sentido único”, mimetizando, segundo Adorno, a tecitura de um tapete, onde os momentos se entrelaçam de formas diversas e podem se descontinuar a qualquer momento para serem retomados. Esse processo estético de construção discursiva possibilitado pelo ensaio valoriza o caminho mais que sua conclusão, representando uma operação reflexiva que coloca em suspenso questões diversas a partir de conceitos, sem hierarquiza-los ou subordina-los a um “conceito superior” como destino. No entanto, é justo abordar o “mal-estar” (como o próprio Adorno coloca) que esse tipo de escrita

pode causar, já que tal exercício pode passar a impressão de infinitude e não-conclusividade. Sobre o que o autor afirma:

“O mal-estar suscitado por esse procedimento, a sensação de que ele poderia prosseguir a bel-prazer e indefinidamente, tem sua verdade e sua inverdade. Sua verdade porque o ensaio, de fato, não chega a uma conclusão, e essa sua incapacidade reaparece como paródia de seu próprio *a priori*: e ela é imputada a culpa que na verdade cabe às formas que apagam qualquer vestígio de arbitrariedade. Mas esse seu mal-estar não é verdadeiro, porque a constelação do ensaio não é tão arbitrária quanto pensa aquele subjetivismo filosófico que desloca para a ordem conceitual a coerção própria à coisa. O que determina o ensaio é a unidade de seu objeto, junto com a unidade de teoria e experiência que o objeto acolhe. O caráter aberto do ensaio não é vago como o do ânimo e do sentimento, pois é delimitado por seu conteúdo. Ele resiste à idéia de “obra-prima”, que por sua vez reflete as idéias de criação e totalidade.” (ADORNO, p.36, 2003)

Portanto, o presente trabalho não se constrói da forma proposta buscando escapar da convenção do método apenas para incorrer em uma reviração de prolixidade inconclusiva. Podemos dizer que o método aqui foi subvertido para melhor servir ao conteúdo delimitado. Não buscamos a finitude de uma “obra-prima” irretocável, propomos um trabalho que valoriza o pensamento reflexivo dentro da “forma crítica *par excellence*” (ADORNO, 2003) que é o ensaio, objetivando a coerência de todos seus elementos – mas sem idealiza-la – e buscando as melhores ferramentas para pensar a tradução e, por consequência, as línguas, identidades e culturas, de forma atualizada e crítica.

Resta caracterizar melhor o que intencionamos dizer ao falar de “escrita ensaística”. Buscaremos aqui, apoiados por autores que investigaram o ensaio enquanto gênero, oferecer alguns horizontes que ajudem a identificar a escrita ensaística sem, no entanto, delimitá-la. Jayme Paviani, em 2009, escreveu *O Ensaio como gênero textual* argumentando sobre as especificidades do gênero ensaio e buscando caracteriza-lo o máximo possível, consciente, no entanto, que por se tratar de uma “forma aberta de expor o pensamento” (PAVIANI, 2009) as caracterizações acabam por deixar uma margem de complexidade que pode não ser abarcada na busca de definições. Porém, se faz relevante aqui essa tentativa definitória para

orientação de nossa escrita, ou mesmo para a diferenciação entre ela e o ensaio proposto por Paviani, até por questões formais que devem obrigatoriamente ser observadas pela natureza de um trabalho de conclusão de curso. Paviani, portanto, enumera características que podem ser utilizadas na busca pela identificação do ensaio. A citação é longa mas vale aqui para melhor nos orientar no desenvolvimento de um trabalho com pretensões ensaísticas:

“(...) o ensaio, na medida em que corresponde a um conceito que busca ser objetivado numa definição, a mais completa possível, pode apresentar, entre outras, as seguintes características:

- a) É um *estudo*, uma investigação, uma reflexão, etc. O ensaio parece conter em suas entranhas o caráter de provisoriidade, de proposta, de algo que não possui a pretensão de acabamento. A palavra ensaio parece indicar essa condição;
- b) É um estudo *formalmente desenvolvido*, dentro de padrões mais ou menos formais; mais flexível que um tratado, por exemplo. Mesmo que seu estilo se aproxime do literário, o ensaio é elaborado, isto é, não é espontâneo nem caótico, mas formalmente apresentado a partir de determinados padrões;
- c) O ensaio, COMO *texto*, pode ser de natureza literária, científica, filosófica. Entre todos os gêneros textuais, é aquele que melhor possui trânsito entre a filosofia, a ciência e a crítica;
- d) Deve a *exposição do assunto ser lógica*, mesmo adotando o estilo livre, isto é, sem seguir os passos de uma análise detalhada ou de uma demonstração exaustiva, o ensaio expõe a matéria com racionalidade, mesmo quando utiliza a linguagem poética;
- e) Tem o ensaio, apesar da diversidade de modos de apresentação, algo em comum a eles que é o *rigor* de argumentação, de demonstração. O rigor, que não se confunde com exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio;
- f) O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, ao estilo de *interpretação e de julgamento pessoal*. Sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou o artigo científico;
- g) O rigor, a interpretação e o julgamento pessoal do autor pressupõem que haja maior *liberdade de expressão*, liberdade que a maioria dos gêneros não possuem. A liberdade consiste em poder defender uma posição sem apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos;

- h) Requer o ensaio, tendo em vista esse conjunto de características, que o autor tenha *informação cultural e maturidade intelectual*. Nesse sentido, é um gênero difícil de elaborar, pois, a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio.” (PAVIANI, p.4, 2009)

A tentativa de caracterização de Paviani nos ajuda aqui a delinear o que é objetivado com o tipo de escrita na qual nos apoiaremos para fazer a análise e os comentários de tradução. É importante destacar que o que é proposto aqui é uma tentativa, uma experiência, sem pretensão de utilizar os itens enumerados acima como prescrição mas sim como orientação.

Por fim, ressaltamos que a escolha por uma aproximação voluntária ao gênero textual do ensaio - dentro do que as barreiras formais permitirem - parte, como já foi dito, de uma afinidade metodológica entre objeto e forma de exposição. Na medida que essa forma de escrita incentiva a interrelação entre as características de análise, não será necessário aqui tanto esforço para separar categorias que só fazem sentido analítico para os fins aqui propostos se estiverem em relação, como: a invenção da cultura (WAGNER, 2017), a ideia de tradução como prática poética e subjetiva inserida na história e colocada em devir (MESCHONNIC, 2010), a tradução comentada como forma de assumir um projeto (TORRES, 2011), entre outros. O ensaio aqui é visto como gênero que coloca as características em relação, permitindo que os conceitos se definam (ou disputem definições) pelo contato uns com uns outros, tecendo esse “tapete” argumentativo que incentiva a reflexão sobre o papel do tradutor. O que será explorado aqui e que justifica e contextualiza nossa análise é a forma como a tradução proporciona leitura(s) de mundo que evidenciam não só como as línguas estão em constante contato, disputa e devir mas também como as hierarquias, políticas de dominação e momentos contextuais e históricos operantes influenciam os processos. Focando-se no aspecto subjetivo, autoral, poético e interdiscursivo que é deduzido da escrita seja ela literária, tradutória, ensaística e/ou acadêmica.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 LESLEY NNEKA ARIMAH E O CONTO *WHAT I MEANS WHEN A MAN FALLS FROM THE SKY*: A ESCOLHA DO OBJETO DE TRADUÇÃO

Após dois prêambulos que buscam introduzir a natureza do trabalho aqui proposto, não seria possível apresentar a autora e o conto de forma tradicional sem contextualizá-los no universo da tradutora que os propõe. Portanto, será feita uma tentativa de descrição do processo de escolha baseado nos contextos e relações estabelecidas entre autora/tradutora. Primeiramente, é importante dizer que o caminho acadêmico percorrido durante a graduação tendeu a um campo de pesquisa ao mesmo tempo amplo e específico: amplo pois a liberdade para a escolha de autoras(es) contou com um universo de contribuições teóricas e práticas a serem exploradas pela participação no grupo Tradução Etnográfica e Poéticas do Devir (CnPq), orientado pela Prof. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira, âmbito no qual foram desenvolvidos dois projetos PIBIC, ambos trabalhando com a tradução de contos e também com a tradução de poesias; e específico quanto à abordagem tradutória adotada, condizente com o que é proposto aqui e com o estudo da tradução pelo viés poético, discursivo e histórico. Dentro desse grupo e também da participação na Rede Exiladas (CnPq), rede que conta com pesquisadoras de diversas Universidades do Brasil e que usarei citação direta retirada da apresentação da obra *Crítica e Tradução do Exílio* (2018) para descrever:

“O grupo exiladas aproveita-se do termo como um tropo para a alternativa aos termos propostos por cada uma das trincheiras que travam a disputa pelo domínio do conhecimento – de uma lado, rejeitamos as grandes narrativas como fonte eterna de saber, investigando, nos modos de representação, as contradições discursivas que permitem sentidos diferentes para a tradição; de outro, rejeitamos a ideia de fim da história e de fim da capacidade criadora do sujeito, afirmando a poética como um valor ético e estético. A poética do exílio se realiza indefinidamente nesse movimento conflituoso, instável e descentralizador que a tradução traz para a crítica e que a crítica traz para a tradução em um contexto em que a ideia de cultura tornou-se um conceito-problema. Nosso foco, de modo geral, é estudar as formas estéticas da cultura como uma zona privilegiada do encontro entre línguas que produz linguagem. O que nos diferencia passa pelo modo como interrogamos esse

encontro: pelo princípio dialógico do teatro e da performance, pelo estranhamento, pela atividade tradutora, pelos problemas de representação do outro, pelas contradições da tradição e do cânone, pelas narrativas de resistência e de emancipação de ex colônias – esses são os problemas das exiladas.” (p. 17-18, FERREIRA, MAGALHÃES, BRITO, 2018.)

adquiriu-se, portanto, uma perspectiva específica, e sempre em construção, sobre a tradução, perspectiva essa pautada em encontrar as problemáticas propostas e também em propor novos paradigmas para análise. Tendo tudo isso em mente e buscando terreno fértil para explorar questões de identidade, cultura, encontro de línguas, análise de convenções sociais através da construção do discurso, etc., que foi feita a escolha por traduzir Lesley Nneka Arimah e o conto *What it Means hen a Man Falls from the Sky* para o presente trabalho.

Sem nos prender demasiadamente a biografia da autora mas apenas para fornecer o contexto de escrita do conto, a apresentaremos de forma breve:

Lesley Nneka Arimah, 1984, é uma autora contemporânea que nasceu no Reino Unido e cresceu na Nigéria. Sua primeira coletânea de contos, *What it Means When a Man Falls from the Sky*, foi publicada em 2017. Ganhadora de prêmios pela escrita de contos como o *African Commonwealth Short Story*, antes mesmo da publicação da coletânea, Arimah é uma nova e poderosa voz literária que possui características poéticas marcadas em sua forma de escrita – que serão exploradas aqui por meio da tradução – e que explora diferentes universos em seus contos, por vezes ambientados na África, Nigéria, Reino Unido ou Estados Unidos e por vezes em outros lugares (fictícios ou não). A autora não se furta a contar histórias complexas em apenas algumas páginas de conto, como é o caso de *What it Means When a Man Falls from the Sky*, conto que intitula sua coletânea e escolhido como objeto aqui, que experimenta com elementos de ficção científica.

O conto é ambientado em uma distopia futurista onde Europa e Américas foram dizimados por desastres naturais, iniciando uma disputa por território que culminou em guerra em vários países, e na reconfiguração do mapa geográfico e territorial do planeta. Na linha do tempo do conto, essas disputas foram mais ou

menos “acertadas”, com massacres perpetrado pela França no Senegal, e pelos Estados Unidos no México e com a intitulada “Aliança Biafra-Britânia” (referência a guerra Biafra-Nigéria e a República do Biafra) nova região formada pela união do Reino Unido com onde atualmente é localizada a Nigéria, ou melhor, pela invasão dos britânicos do território nigeriano “aceita” apenas para evitar um novo massacre. É nessa território Biafra-Britânia que o conto é ambientado, no pós-guerra, onde é dado a entender que a maioria da população nigeriana foi relegada às periferias e vive sob repressão e controle por parte dos britânicos, o que gera tensão social e o despertar de algumas revoltas (rapidamente reprimidas pelo Estado).

No entanto, tudo isso é pano de fundo para a história da personagem principal, Nneoma, que trabalha como Matemática, desempenhando uma função um tanto quanto peculiar. Aparentemente, após o período de guerra e desastres naturais, todas as instituições religiosas foram desmontadas e o que surgiu, quase que em seu lugar foi a “Fórmula de Furcal”, uma fórmula matemática com milhares de números descoberta por um cientista chileno e que corresponde à equação do ser humano. A partir dessa fórmula, Matemáticos como Nneoma eram capazes de calcular questões específicas do ser humano como a “dor” ou a “tristeza” e retirar essas sensações “desagradáveis” das pessoas que podem pagar pelo luxo de não sentir.

Outros experimentos também são feitos partir dessa fórmula, como a tentativa de desvendar a fórmula do vôo. Na verdade, o conto começa descrevendo o incidente que dá origem ao seu título “What it Means When a Man Falls from the Sky” traduzido como “O que significa quando um homem cai do céu”, referenciando o escândalo provocado por uma falha na fórmula que causou a morte de um homem que havia se jogado de um prédio na crença de poder voar. Acompanhamos então Nneoma em sua rotina como Matemática que trabalha com pessoas que carregam sofrimentos, absorvendo o pesar de seus clientes através da fórmula de Furcal. Nneoma, ao mesmo tempo, lida também com o término de seu namoro com Kioni, uma outra Matemática que trabalhava em esquema voluntário retirando o luto de refugiados de guerra. A questão proposta pelo conto é a possibilidade de falha da fórmula, e o que aconteceria com os Matemáticos caso esse sofrimento que estava

sendo absorvido não fosse simplesmente esquecido, mas ficasse dormente, e o que poderia acontecer com alguém que acumulasse em uma só psique tantas tragédias.

Como é possível perceber, esse conto de menos de 20 páginas, trabalha com diversas questões complexas, bem como histórias e *backgrounds* interligados. No entanto, a complexidade não se dá apenas no teor da história, que lida com aspectos sociais e geopolíticos que certamente contribuíram na sua escolha para o presente trabalho, mas, principalmente na *forma* (MESCHONNIC, 2010), da escrita, que desvela a poética e o discurso assumido pelas personagens. Trabalharemos aqui principalmente com o discurso e as vozes assumidas pela personagem principal ao interagir com diferentes personagens e também a voz da narradora, lida aqui como uma expressão mista da consciência da personagem (já que a história é contada mais da perspectiva dela do que de qualquer outra personagem) descrevendo situações, fluxos de consciência e pensamentos de Nneoma, nos fornecendo um *insight* maior em sua subjetividade, apesar de estar em 3ª pessoa. O enfoque nesses elementos nos permitirá discussões sobre a invenção cultural e de identidades e sobre problemáticas inerentes à tradução do discurso direto. Também serão abordadas outras questões pertinentes à tradução da poética discursiva tanto na instância da narração como do discurso direto, como a tradução e o uso de expressões da informalidade e figuras de linguagem. Buscando sempre embasamento teórico para a proposição de discussões sobre a relação íntima texto/tradutor e explorando as inúmeras possibilidades e o movimento proporcionado pela atividade tradutória.

## **2.2 A TOMADA DE POSIÇÃO VISANDO A TRADUÇÃO PO-ÉTICA**

Resta, antes de entrarmos nos exemplos tradutórios e os explorarmos por meio de comentários ensaísticos, fornecer também as bases teórico-metodológicas para essa prática po-ética da tradução do conto de Lesley Nneka Arimah:

Norteados por uma ética (BERMAN, 2007) do reconhecimento do Outro em sua completude, nos permitimos ser interpelados pela poética da autora no momento da tradução, buscando o reconhecimento estético e discursivo dessa

poética. Em sua obra, *A tradução e a letra ou albergue do longínquo*, publicada pela primeira vez em 1985, Antoine Berman explora a dimensão ética da tradução, deixando claro que essa atividade tem potencial para a construção de um pensamento da relação onde o encontro de línguas permite o acolhimento (ou, em oposição, a diferenciação arbitrária) da alteridade. Tal acolhimento não se dá de maneira fácil ou sem qualquer percalço, pelo contrário, o autor caracteriza a tentativa de estabelecer uma relação ética com o outro como a escolha “mais difícil que há” (BERMAN, p.68, 2007) devido à tendências de rejeição ou dominação. No entanto, também evidencia que as culturas se dão e são construídas apenas por meio dessa relação, dando a entender que a afirmação de uma cultura pela rejeição de outras está relegada ao fracasso.

Berman enfatiza, ao longo da obra, o papel fundamental da atividade tradutória para a dimensão ética, sendo ela um campo de escolha onde ou optamos por seguir essa premissa inerente ao ato tradutório ou deturpa-la para servir melhor aos interesses Ocidentais:

“Ora, a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence *originariamente* à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*. Isto não significa, em absoluto, que historicamente tenha sido sempre assim. Pelo contrário, o objetivo apropriador e anexionista que caracteriza o Ocidente sufocou quase sempre a vocação ética da tradução. A “lógica do mesmo” quase sempre prevaleceu. Isso não impede que o ato de traduzir obedeça a uma outra lógica, a da ética. Por isto, retomando a bela expressão de um trovador, falamos que a tradução é, na sua essência, o “albergue do longínquo”.” (BERMAN, p.69, 2007.)

Portanto, a tomada voluntária de posição ética nos moldes bermanianos é o que orientou nossa empreitada. Porém, seguimos cientes de que tal posição pode não ter sido atingida em sua completude já que a tomamos como esforço consciente e não como dogma inescapável, o que aproximaria a tradução de noções mais arcaicas de fidelidade. Nos atemos aqui a encarar o projeto de tradução como um direcionamento proposital e ideológico, mas que, enquanto atividade sempre em

construção, não busca atingir um resultado “pronto”. Dessa forma, buscamos a valorização do processo criativo no qual a tradução está envolvida. O caminho mais que o destino, já que esse destino para o propósito atual pode ser um trabalho de conclusão de curso mas em termos tradutórios permanece aberto e mutante, passível de releituras e retraduições, em devir.

Essa posição ética em relação a tradução aqui preconizada se manifestará na atividade tradutória pautada pela poética. Poética aqui caracterizada nos moldes de Meschonnic em *Poética do Traduzir* (2010), como abordagem teórico-prática com papel e efeito críticos na tradução, que promove o reconhecimento de estratégias e constituindo em si uma estratégia contra a manutenção dos dogmatismos fenomenológicos ou semióticos. Em consonância com a dimensão ética, a poética da tradução é um conceito que constrói o estudo do traduzir, em um contexto histórico, como exercício da alteridade, e questiona a noção de identidade, reconhecendo assim que a identidade só acontece pela alteridade. No entanto, muito mais que conceito teórico, a tradução poética tem implicações práticas, expressando discursos através da organização do ritmo por um sujeito. Para Meschonnic, a unidade de tradução a ser utilizada é o discurso, já que tudo que é oralidade (termo usado aqui para descrever também a escrita, que para o autor é, primeiramente, oral) traz consigo uma subjetivação, que, inserida em um contexto histórico, local e temporal, forma um discurso específico. Discurso esse que estará expresso na forma de dizer muito mais do que no que foi dito. Portanto, para o autor:

“É então uma escrita, a organização de uma tal subjetivação no discurso que ela transforma valores da língua em valores de discurso. Não se pode mais continuar a pensa-los nos termos costumeiros do signo. Não se traduz mais a língua. Ou, então desconhece-se o discurso e a escritura. É o discurso e a escritura que é preciso traduzir.”  
(MESCHONNIC, p.XX, 2010)

Nesse sentido, se queremos traduzir uma escrita, devemos traduzir o discurso subjetivo, expressado no poético, rítmico, prosódico, e não em algum “espírito” comunicativo que deve ser transmitido. A tradução pautada pela poética não tem a comunicação como visada e desafia a metáfora da “tradução-ponte” tão utilizada

para descrever o ato tradutório, buscando quebrar com falsas dicotomias como língua-de-chegada e língua-de-partida e revelando que o fazer e o pensar tradução estão muito mais ligados aos modos de significação do que se pretendem as abordagens estruturalistas:

“Porque o modo de significar, muito mais que o sentido das palavras, está no ritmo, como a linguagem está no corpo, o que a escrita inverte, colocando *o corpo na* linguagem. Por isto, traduzir passa por uma escuta do contínuo. Subjetivação por subjetivação”.  
(MESCHONNIC, p.XXXII, 2010.)

Meschonnic então enxerga nas *formas* de dizer uma multiplicidade de visões de mundo que engendram, de forma complexa, discursos diferenciados e convergentes. E é com base nessa escrita da multiplicidade que empreendemos aqui a tradução, buscando colocar em evidência a subjetividade autora/tradutora, visando o não apagamento e a valorização dos discursos. Portanto, cientes de que o caminho percorrido por uma tradução tem grande valor no entendimento de seu resultado (mesmo que esse “resultado” seja transitório). Além de expressar uma tomada de posição que pode ser ou de abertura e interdiscurso com a alteridade, ou de fechamento e negação da relação e busca de manutenção de hierarquias. Essa tomada de posição, expressa um projeto com efeitos teóricos e práticos no traduzir, projeto esse que será exemplificado a seguir.

### **2.3 VOZES DE UMA MESMA PERSONAGEM: DISCURSO DIRETO E FLUXOS DE CONSCIÊNCIA**

Apesar de o projeto de tradução ter delineado um caminho discursivo a ser seguido e manifestado na atividade tradutória, é apenas na prática que nos encontramos com as questões que serão centrais para a nossa escrita, geralmente sendo essas as questões que precisaremos de duas ou mais retraduições para realmente começar a explorar. No caso da tradução de *What it Means When a Man Falls from the Sky* de Lesley Nneka Arimah, as diferenças discursivas entre narração e discurso direto da personagem principal, Nneoma, representaram desafios tradutórios que provocaram reflexões sobre os modos de traduzir. Sempre tendo em

mente que a intenção não é passar o que foi dito pura e simplesmente, já que em uma mensagem comunicativa desprovida de forma e ritmo não somos capazes de perceber os modos de significar do discurso e motivados pela tentativa de traduzir poética e ritmicamente, nos deparamos com a diferenciação discursiva entre uma mesma personagem ao expressar sua consciência na narração e ao participar de diálogos com as outras personagens.

Durante todo o conto, somos guiados na narrativa pela perspectiva de Nneoma. Apesar de a narração acontecer em 3ª pessoa, é possível notar que os sentimentos e monólogos internos representados em narração correspondem somente à Nneoma, apresentando assim sua perspectiva subjetiva como guiadora do conto:

<p>A message dinged on the phone console and Nneoma hurried to press it, eager, then embarrassed at her eagerness, then further embarrassed when it wasn't even Kioni, just her assistant reminding her of the lecture she was to give at the school. She deleted the message—of course she remembered—and became annoyed. She thought, again, of getting rid of the young woman. But sometimes you need an assistant, such as when your girlfriend ends your relationship with the same polite coolness that she initiated it, leaving you to pack and relocate three years' worth of shit in one week. Assistants come in handy then. But that was eight weeks ago and Nneoma was over it. Really, she was.</p>	<p>Uma mensagem apitou no console do telefone e Nneoma se apressou para ouvir, ansiosa, depois com vergonha da sua ansiedade, e depois mais envergonhada ainda quando nem era Kioni, só sua assistente pra lembrar da palestra que ela ia dar na escola. Ela deletou a mensagem—é claro que ela lembrava—e ficou irritada. Ela pensou, novamente, em se livrar da garota. Mas as vezes uma assistente é necessária, tipo quando sua namorada termina a relação com a mesma frieza educada com a qual começou, te obrigando a fazer as malas e realocar três anos de porcarias em uma semana. Assistentes são úteis nesses momentos. Mas isso foi oito semanas atrás e Nneoma já tinha superado. Sério, ela nem ligava.</p>
---	--

(Tabela 1: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 154, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Outra característica (que também pode ser notada no exemplo acima) é o fato de o registro da narração ser informal, o que faz sentido por se tratar de fluxos de consciência e monólogos internos de uma personagem, mas que é uma característica facilmente ignorada caso estejamos apenas focados em traduzir a “mensagem” e não a forma de dizer. No entanto, uma vez atentados para esse fato ainda persistem tendências formalizadoras do discurso, as dificuldades de traduzir coisas como “shit” ou “like” (aqui traduzidos como “porcarias” e “tipo”) ou de tentar reproduzir informalidade na repetição de “ela”, todas tentativas tradutórias de nos atermos à poética e ao discurso, evidenciam que a escrita, conforme afirmado por Meschonnic, é caracterizada por sua oralidade, e é a oralidade e o ritmo que a tradução intenciona manifestar.

Em oposição ao aspecto prolixo e informal do discurso interno de Nneoma, percebemos e buscamos traduzir a característica suscinta e autoritária como a personagem se expressa no discurso direto. Consideramos essas oposições uma das tônicas do conto, necessárias para a construção do discurso poético/subjetivo da personagem:

"Madam?" "Keep going, there are only ten."	"Madame?" "Continue, são só dez."
---	--------------------------------------

(Tabela 2: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 161, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Percebemos que esse discurso autoritário é motivado por sua posição de autoridade dentro do *status quo* estabelecido, já que a personagem exerce tanto poder financeiro, como é o caso acima, onde ela dá ordens ao motorista, como intelectual, como acontece no exemplo abaixo, onde Nneoma discute com um aluno que questiona moralmente a natureza de seu trabalho:

Nneoma put her hand up to stop Nkem Ozechi from interrupting. She could handle this. "Explain".	Nneoma levantou a mão para impedir Nkem Ozechi de interromper. Ela podia cuidar disso. "Explique."
---	--

<p>"Well, my dad says what you people do is wrong, that you shouldn't be stopping a person from feeling natural hardships. That's what it means to be human."</p> <p>Someone in the back started to clap until Nneoma again raised her hand for silence. She studied the boy. He was close enough for her to note his father's occupation on his wrist (lawyer) and his class (first). She'd argued down many a person like his father, people who'd lived easy lives, who'd had moderate but manageable difficulties, then dared to compare their meager hardship with unfathomable woes.</p> <p>"Your father and those people protesting outside have no concept of what real pain is. As far as I'm concerned their feelings on this matter are invalid. I would never ask a person who hasn't tasted a dish whether it needs more salt."</p>	<p>"Bom, meu pai diz que o que vocês fazem é errado, que vocês não deviam impedir alguém de sentir as dificuldades naturais da vida. É isso que significa ser humano."</p> <p>Alguém no fundo da sala começou a aplaudir até que Nneoma levantou de novo a mão, pedindo silêncio. Ela estudou o garoto. Ele estava perto o suficiente para que ela notasse a ocupação do pai em seu pulso (advogado) e sua classe (primeira). Ela já havia ganhado discussões com muitas pessoas como o pai dele, pessoas que viviam vidas fáceis, que tinham dificuldades moderadas mas administráveis, e que se atreviam a comparar seus míseros obstáculos a sofrimentos incomensuráveis.</p> <p>"Seu pai e as pessoas protestando lá fora não sabem o que é sofrimento real. Na minha concepção os sentimentos deles sobre essa questão são inválidos. Eu nunca perguntaria para alguém que não provou um prato se ele precisa de mais sal."</p>
--	--

(Tabela 3: "What it Means When a Man Falls from the Sky" in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 164-165, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

De fato, os discursos diretos de Nneoma tendem para a personagem autoritária e assertiva, até por serem, em sua grande maioria, com personagens que estão, de alguma forma, subordinados a ela. Enquanto a narração revela as incertezas da personagem, tendendo para o informal e o reflexivo, expressando também sensações e sentimentos que não transparecessem na voz direta de Nneoma.

<p>Kioni grabbed her wrists and wouldn't surrender them. "We have to go!"</p> <p>Nneoma tried to talk around the horrified put in her stomach. "Who did this to you? Where do we have to go?"</p>	<p>Kioni agarrou os pulsos dela e não largava. "Nós temos que ir!"</p> <p>Nneoma tentou falar apesar do buraco de horror em seu estômago. "Quem fez isso com você? Temos que ir para onde?"</p>
---	---

(Tabela 4: "What it Means When a Man Falls from the Sky" in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 172, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Acima percebemos o contraste discursivo, que foi também intencionado com a tradução. Em seu único encontro com Kioni (sua ex-namorada) retratado no conto, Nneoma percebe que Kioni está passando por alguma espécie de surto, e além de seu aspecto físico sujo, machucado e drasticamente diferente da última vez que Nneoma havia a visto as palavras que Kioni fala não fazem sentido. Ela repete "Nós temos que ir!" apesar de não haver nenhum indício do que tenha causado tanto desespero, e Nneoma fica, naturalmente, chocada. No entanto, é só através da narração que percebemos o choque da persoangem. O discurso direto continua assertivo, fazendo perguntas diretas e buscando respostas racionais de Kioni, mesmo deduzindo que não as conseguiria.

## 2.4 FIGURAS DE LINGUAGEM E O PROCESSO TRADUTÓRIO

Outra questão que pareceu pertinente para a dimensão poética da tradução foi a quantidade de figuras de linguagem, nomeadamente metáforas e personificações, que aparecem nas descrições narrativas do conto. A metáfora acontece quando há uma substituição de termos que possuem significados diferentes, atribuindo a eles o mesmo sentido. Isso ocorre em diversos pontos do conto e houve esforço proposital no momento da tradução para manter essa característica da escrita da autora e da descrição narrativa, conforme veremos no exemplo abaixo:

If the rumor that Furcal's Formula	Se o boato de que a fórmula de
------------------------------------	--------------------------------

<p>was beginning to unravel around the edges gained any traction, it would eventually trickle down to the twenty-four hundred Mathematicians like her, who worked around the globe, making their living calculating and subtracting emotions, drawing them from living bodies like poison from a wound.</p>	<p>Furcal estava se desfazendo nas bordas ganhase tração, eventualmente respingaria nos duzentos e quarenta Matemáticos como ela, que trabalhavam ao redor do mundo, ganhando a vida calculando e subtraindo emoções, as extraíndo de corpos humanos como veneno de uma ferida.</p>
---	---

(Tabela 5: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 153, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Nesse excerto é perceptível a presença profusa das metáforas, sendo que em apenas uma frase, identificamos o uso dessa figura de linguagem e três ocasiões. Em uma primeira tradução, a única metáfora que havia sido mantida foi a mais óbvia, “as extraíndo de corpos humanos como veneno de uma ferida”. Houve a tendência ao apagamento da metáfora que transforma a fórmula em tecido que começa a se “desfazer nas bordas”, e do boato que ganha “tração”. O impulso de apagar a metáfora do tecido e da tração não é por acaso. Imbuídos de uma lógica tradutória que busca preservar a compreensão de uma mensagem unívoca e a preservação estática do “sentido”, mesmo dotados de conhecimento teórico de Meschonnic e Berman e de uma ética tradutória que busque a uma escrita poética, rítmica, oral e em movimento, acabamos ainda sentindo o incômodo da não clarificação. No entanto, as metáforas (utilizando outra metáfora) fazem parte do tecido da escrita de Arimah nesse conto, não sendo consoante com nosso projeto subtraí-las da tradução por causarem estranhamento.

<p>Nneoma could feel the sadness rolling off him and she knew if she focused she'd be able to see his grief, clear as a splinter. She would see the source of it, its architecture, and the way it anchored to him. And she would be able to remove it.</p>	<p>Nneoma podia sentir a tristeza emanando dele e sabia que se ficasse focada seria capaz de ver seu sofrimento, claro como uma farpa. Ela veria sua fonte, sua arquitetura, e a maneira como se ancorava a ele. E seria capaz de removê-lo.</p>
---	--

(Tabela 6: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 157, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

No exemplo acima percebemos também duas metáforas que constroem imagens bem específicas, ambas relacionadas ao “grief” traduzido como “sofrimento”. Primeiro, o sofrimento que seria visto por Nneoma, “claro como uma farpa” e, depois, o sofrimento que tem efeito de âncora, pesando o rapaz. Inicialmente só a imagem da farpa havia sido mantida, de forma similar ao exemplo anterior, pareceu estranho e desconfortável manter a imagem da “âncora”, sendo a primeira tradução “a maneira como o pesava”. No entanto, buscando coerência com o nosso projeto tradutório que não busca passar sentido ou comunicar, experimentamos com a palavra “ancorar” e percebemos que a imagem da âncora não precisava e não deveria ser perdida, representando um modo de dizer específico que poderia ter sido expressado por “weighed”, caso fosse intencionado apenas falar-se em “pesar”.

Outra figura de linguagem muito presente na narração do conto foram as personificações. A personificação, ou prosopopeia, acontece quando atribuímos a objetos, seres irracionais, elementos ou fenômenos, sentimentos ou ações humanas. Esse recurso também é muito utilizado na narração do conto, e constitui parte da dimensão poética e subjetiva da escrita da autora. Ela se utiliza de personificação principalmente na descrição de desastres naturais, e é perceptível como esse elemento adiciona um tom de dramaticidade ao evento, sendo, portanto, imperativo a um ato tradutório po-ético buscar mantê-lo:

When the floods started swallowing the British Isles, they'd reached out to Biafra, a plea for help that was answered.	Quando as enchentes começaram a engolir as ilhas britânicas, eles buscaram a ajuda de Biafra, um pedido que foi atendido.
--	---

(Tabela 7: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 155, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Acima vemos a palavra “engolir” ou “swallow”, para descrever o que as enchentes fizeram com as ilhas britânicas, descrevendo uma imagem personificada

do desastre natural que eliminou as ilhas do mapa. Abaixo podemos ver outra instância onde o mesmo recurso é utilizado, e a mesma tentativa de reescrita poética é feita na tradução:

<p>When things began to fall apart, the world cracked open by earthquakes and long-dormant volcanoes stretched, yawned, and bellowed, the churches (mosques, temples) fell—not just the physical buildings shaken to dust by tremors, but the institutions as well.</p>	<p>Quando as coisas começaram a desmoronar, o mundo rachado por terremotos, e vulcões a muito dormentes se esticaram, bocejaram e vociferaram, as igrejas (mesquitas, templos) caíram— não apenas os prédios físicos viraram poeira graças aos tremores, mas as instituições também.</p>
---	--

(Tabela 8: “What it Means When a Man Falls from the Sky” in: *What it Means When a Man Falls from the Sky*. ARIMAH, Lesley Nneka. p. 160, Riverhead Books, 2017. Tradução Nossa.)

Nesse exemplo a complexidade da personificação aumenta, e, conseqüentemente, as escolhas tradutórias também se tornam mais complexas. A imagem é a de um vulcão acordando, tal qual uma pessoa acorda, se esticando, bocejando e “bellowing”, palavra que pode tanto se referir ao “mugido” da vaca, quanto, como é mais provável aqui seguindo a tendência da personificação, a alguém que “grita”, “berra”, ou, como foi optado aqui “vocifera”, conferindo ao desastre, novamente, a dramaticidade e crueldade de um ato humano, apesar de se tratar de manifestações da natureza que tiveram conseqüências drásticas na vida humana.

Iremos nos ater a esses exemplos para essa dimensão específica de desafio tradutório, no entanto, é possível perceber ao longo do conto (inserido no Apêndice A) como essa questão prática operou no processo de tradução, sendo os exemplos oferecidos e comentados manifestações teórico-práticas das reflexões suscitadas pela atividade tradutória.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

#### PÓS-FACIO: O CONTÍNUO DO TRADUZIR

Henri Meschonnic, em *Poética do Traduzir*, utiliza algumas vezes a palavra “contínuo” para descrever a tradução. A descreve também como um fazer, ou seja, atividade dinâmica. Esses descritores oferecem uma perspectiva tradutória pautada pelo movimento, onde paramos de pensar a tradução como suspensa no tempo e espaço e consideramos todas as forças históricas, temporais, contextuais, poéticas e subjetivas que moldam uma escrita. Mais básico para a construção desse pensamento, portanto, é considerarmos a tradução enquanto escrita, conferindo a ela toda a corporeidade de um discurso proferido em circunstâncias específicas, ou melhor, um interdiscurso, não só entre a escrita tradutória e aquilo que é traduzido mas que inclui tudo que é construído enquanto relação.

Para o melhor entendimento da nossa concepção de “relação” enquanto campo fundamental onde a tradução opera, faz mediação e constrói discurso, trazemos Roy Wagner em *A Invenção da Cultura*, publicado pela primeira vez em 1975. Nessa obra, o autor expande a ideia relacional, de forma inovadora, para o campo antropológico do estudo da cultura. Wagner define a antropologia como “o estudo do homem “como se” houvesse cultura” (WAGNER, p.36, 2017.) e segue o argumento de diversas exemplificações de como essa arbitrariedade cultural opera de forma “inventada”, não utilizando aqui o inventar da cultura como algo pejorativo mas sim necessário para que possamos construir os estudos de forma relacional, trazendo contribuições para a área. Nesse sentido, o que o autor afirma, e que é de grande utilidade para os estudos da tradução, é que não podemos deixar de admitir a invenção das culturas. Ou seja, mesmo que tais barreiras sejam necessária para o estudo antropológico, não podemos agir como se elas fossem arbitrarias e intransponíveis, já que se tratam e de barreiras inventadas em contextos específicos colocados em relação e não de regras estabelecidas.

Voltando à tradução (já que tais passeios interdisciplinares também nos lembram que as barreiras entre as disciplinas são tão inventadas quanto as barreiras

entre as culturas), podemos nos valer desse dinamicismo das definições de cultura enquanto contextos colocados em relação, para empreender um pensamento da tradução como um pensamento da relação. Pois o que seria mais relacional que o encontro de línguas e o que se produz dele? A tomada de posição ética bermaniana que foi tentada nesse trabalho busca trazer a ideia de relação enquanto não-apagamento do outro, enquanto contato e troca, enquanto violência sim, pois esses contatos não são pacíficos ou tranquilos, mas enquanto postura admitidamente poética e discursiva e que admite a poética e o discurso do outro, não deixando, ou tentando não deixar, que os dogmatismos teóricos interfiram com a prática de forma a engessar o movimento pretendido.

Para Meschonnic:

“A poética é o fogo da alegria que se faz com a língua de pau. O trabalho da teoria é estar em vigília para não se fazer de pau, aí compreendida a poética.” (MESCHONNIC, 2010, p.XXX).

Provocados pelo autor, o que buscamos aqui foi, por meio de teorias mais abertas e flexíveis, e, portanto, mais próximas da prática, construir um pensamento e um fazer críticos, tentando exemplificar durante o processo tradutório o que dos estudos da tradução nos interpelou e como.

Acreditamos para o objetivo atual ter cumprido com nosso propósito: incitar reflexões, embasadas por uma linha crítica específica e provocar um pensamento da tradução enquanto relação e negociação com a alteridade. Pensamento esse que acontece também enquanto exercício do exílio, devido à posição específica da tradutora que possibilita uma visão de mundo mais propícia a multiplicidade, mas isolada de enquadramentos estáticos, o que pode, muitas vezes, gerar desconforto. Estando aqui colocada a nossa perspectiva, aliada a prática e a um projeto tradutório, o trabalho permanece em aberto para que continue a provocar reflexões e contribuições para uma tomada de posição ética e poética com relação ao fazer tradutório.

#### 4. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. "O ensaio como forma" In: *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ARIMAH, Lesley Nneka. *What it Means When a Man Falls from the Sky*. Nova York, Riverhead Books, 2017.
- BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou Albergue do Longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini, Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2007.
- FERREIRA, Alice Maria de Araújo. REIS, Maria da Glória Magalhães. BRITO, Tarsila Couto de. *Crítica e Tradução do Exílio*. Goiânia, Segraf, 2017.
- MESCHONNIC, Henri, *Poética do Traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich, São Paulo, Perspectiva, 2010.
- PAVIANI, Jayme. *O Ensaio como Gênero Textual*. Caxias do Sul, V SIGET, 2009.
- SARDIN, Pascale. *De la note du traducteur comme commentaire : entre texte, paratexte et prétexte*. Paris, Palimpsestes, v.20, p. 121-136, 2007.
- SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Um tradutor é um escritor da sombra? Variações sobre a ontologia da tradução. Florianópolis, Revista Cadernos de Tradução, v. 2, n. 28, p. 12-35, 2011
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e Discurso de Acompanhamento. Rio Branco, Copiart, 2011.
- WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales, São Paulo, Ubu Editora, 2017.
- ZAVAGLIA, Adriana. *A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção*. Belo Horizonte, Aleteria: Revista de Estudos de Literatura, v.25, n.2, p. 331-352, 2015